

A produção brasileira e a gaúcha de grãos em 2002/2003 e as previsões para 2003/2004

Vivian Fürstenau*

Economista da FEE.

Resumo

Neste texto, tem-se como objetivo analisar o desempenho da produção dos principais grãos da agricultura brasileira e da gaúcha na safra 2002/2003, tendo como pano de fundo o ambiente macroeconômico, as políticas públicas e o comportamento dos mercados que influenciaram esses segmentos. São descritos, especialmente, o crescimento da produção de soja na safra 2002/2003 e a relação desse crescimento com a taxa de câmbio da economia brasileira e com os preços do grão no mercado internacional. É também analisado o Plano Safra 2003/2004 e realizadas as previsões para a safra de grãos de verão no segundo semestre de 2003.

Palavras-chave

Agricultura; grãos; soja.

Abstract

The objective of the present work is to analyze the performance of Brazilian agriculture most important grains at the 2002/03 harvest, taking into account the macroeconomics, the public policies and the markets' behavior that influenced said segments. Specially described were the growth in soy production in 2002/

*A autora agradece a Maria Domingues Benetti pela leitura do texto e pelas sugestões.

/2003 and its relationship to soy international prices and to the Brazilian currency exchange rate. The 2002/03 harvest funding plan was also analyzed and so were the production of summer grain cultures, which is currently being planted.

**Os originais deste artigo foram recebidos
por esta Editoria em 26.12.03.**

Introdução

Neste texto, retrata-se o comportamento dos principais segmentos da agricultura brasileira e da gaúcha no ano 2003 e analisa-se o Plano Safra 2003/2004, bem como se fazem as previsões para a futura safra de grãos de verão. Com esses objetivos, na primeira seção é analisado o contexto em que ocorreu a safra 2002/2003, o desempenho da produção dos grãos, tanto das lavouras de verão — arroz, feijão, milho e soja — como da principal cultura de inverno, o trigo. Nessa parte, será dada ênfase à lavoura de soja, que, na safra considerada, superou, de longe, as expectativas iniciais com relação ao volume de produção. Essa cultura apresentou um desempenho bastante superior às primeiras estimativas, por mais otimistas que fossem, e obrigou que estas fossem permanentemente revisadas ao longo do primeiro semestre. Na segunda seção, analisam-se o Plano Safra 2003/2004 e a reação dos produtores agrícolas a essas diretrizes de política agrícola. Na terceira parte, serão discutidos os efeitos tanto do Plano Safra como da evolução dos preços dos grãos na comercialização durante o ano 2003 sobre as decisões dos produtores agrícolas com relação às intenções de plantio de suas lavouras de verão 2003/2004.

1 - A safra de grãos 2002/2003¹

1.1 - Contexto geral

As taxas de crescimento apresentadas pelo segmento produtor de grãos da agricultura brasileira nos últimos anos e o movimento recente de obtenção de superávits na balança comercial brasileira gerados, de forma importante, pelo aumento das exportações de produtos do complexo agroindustrial evidenciam o papel estratégico da agricultura na economia do País.

A agricultura, que foi um dos setores penalizados com a sobrevalorização da taxa de câmbio após a implementação do Plano Real, reverteu esse quadro negativo recentemente. A mudança do regime de câmbio fixo para um sistema de câmbio flutuante em janeiro de 1999 e a conseqüente desvalorização do real frente ao dólar criaram condições para uma expansão crescente das vendas externas dos produtos agrícolas.

É esse cenário favorável em termos de taxa de câmbio que tem contribuído para aumentar as exportações brasileiras de produtos agrícolas e/ou agroindustriais. Nesse quadro de maior remuneração das vendas externas, aliado a preços internos condizentes, balizados, em muitos casos, pelos preços externos favoráveis, a produção agrícola vem apresentando taxas de crescimento significativas, atingindo, na última safra — 2002/2003 —, um volume de produção de 122 milhões de toneladas de grãos.

É certo que o crescimento recente da agricultura também decorreu do ambiente macroeconômico criado com a estabilização econômica pós 1994 e que esse contexto permitiu modificações importantes na condução da política agrícola. Com relação ao financiamento da produção, ocorreram uma diminuição dos custos dos empréstimos e uma maior disponibilidade de recursos para aplicação. A primeira é decorrente, de um lado, da política de não-indexação dos contratos estabelecidos entre os diversos agentes econômicos, também aplicada à agricultura, tornando mais favoráveis as condições de financiamento ao setor e, de outro, da redução da taxa de juros da economia. “Apesar de a taxa de juros no Brasil ser superior às taxas internacionais, tem havido nítida redução da taxa Selic, que é a taxa referencial de remuneração dos títulos públicos na economia brasileira.” (Gasquez; Spolador, 2003, p. 9). Por sua vez, a maior disponibilidade

¹ Esta seção do texto foi escrita com base em informações disponíveis até 10 de novembro de 2003.

de recursos é devida à estabilização econômica, que gerou um crescimento dos depósitos à vista, uma das principais fontes de recursos do Crédito Rural. A chamada exigibilidade bancária é um percentual dos depósitos à vista que os bancos devem, obrigatoriamente, aplicar em crédito rural. Como numa economia estabilizada esses depósitos tendem a crescer, aumentam, logicamente, os recursos disponíveis para aplicação na agricultura.

Na área da comercialização dos produtos agrícolas, foi efetuada, após 1995, uma grande reformulação nos instrumentos de apoio.

“Três pontos orientaram a concepção desses novos mecanismos: i) necessidade de controle do gasto público; ii) maior engajamento do setor privado na comercialização, especialmente na tarefa de carregar estoques; iii) adequação dos novos instrumentos ao modelo de economia aberta e competitiva.” (Gasques; Spolador, 2003, p. 18).

No início dos anos 90, não se cogitava de um volume de produção de 122 milhões de toneladas,

“(…) uma vez que o total produzido de grãos se situava em menos de 60 milhões de toneladas, mas em 1995 uma safra de quase 80 milhões de toneladas, derivada do otimismo gerado pelo Plano Real, criou expectativas positivas quanto ao crescimento rápido e contínuo da produção agrícola brasileira. No entanto, a grande redução na safra de 1996, especialmente em virtude da diminuição da área plantada pelos produtores em decorrência dos baixos preços obtidos pelos produtos agrícolas em 1995, fez com que fossem reconsideradas essas previsões. A partir desse recuo, o Governo passou a criar novos mecanismos de sustentação de preços com o objetivo de alcançar metas crescentes de produção.^[2] Mas, mesmo com um crescimento do volume de produção em 1997, foi somente em 1999 que a produção brasileira ultrapassou 80 milhões de toneladas” (Fürstenau, 2002, p. 4).

A partir de 1999, a agricultura brasileira tem apresentado um desempenho bastante positivo, e um novo salto em termos de volume de produção ocorreu em

² Um desses instrumentos foi o Contrato de Opção de Venda. Esse tipo de contrato seria utilizado no caso de o Governo decidir sustentar o preço de um produto, oferecendo ao agricultor uma opção de venda do seu produto ao Governo, em data futura, a determinado preço. “É uma espécie de operação de mercado futuro, na qual o produtor interessado precisa comprar a opção em leilão, adquirindo, assim, o direito de vender ao Governo, caso o preço de mercado seja inferior ao mínimo.” (Faveret Filho, 2002, p. 35).

2001, quando foi colhida uma safra superior a 98 milhões de toneladas.³ Nessa safra, o maior crescimento ocorreu na produção de milho, que aumentou 30% em relação a 2000, e na de soja, que teve um incremento de 15%. Em 2002, havia uma previsão de safra de 100 milhões de toneladas, mas esse patamar de produção não chegou a se concretizar em decorrência de uma redução da área plantada com milho e de quebras significativas em outras lavouras de algumas regiões produtoras, como, por exemplo, a soja no Rio Grande do Sul.

Tabela 1

Produção de grãos no Brasil — 1990-03

(1 000t)

PRODUTOS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Arroz (em casca)	7 421	9 488	10 006	10 107	10 541	11 226	8 644
Feijão (em grão)	2 234	2 745	2 797	2 478	3 370	2 946	2 449
Milho (em grão)	21 348	23 624	30 506	30 056	32 488	36 267	29 590
Soja (em grão)	19 898	14 938	19 215	22 591	24 932	25 683	23 155
Trigo (em grão)	3 094	2 917	2 796	2 197	2 096	1 534	3 293
TOTAL	53 995	53 712	65 320	67 430	73 426	77 656	67 131
PRODUTOS	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Arroz (em casca)	8 352	7 716	11 710	11 135	10 184	10 472	10 232
Feijão (em grão)	2 840	2 191	2 831	3 056	2 454	3 051	3 316
Milho (em grão)	32 948	29 602	32 239	32 321	41 962	35 500	47 305
Soja (em grão)	26 393	31 307	30 987	32 821	37 907	42 027	51 582
Trigo (em grão)	2 489	2 270	2 462	1 726	3 367	2 926	5 234
TOTAL	73 022	73 086	80 229	81 058	95 874	93 976	117 669

FONTE: IBGE. Banco de dados agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>
Acesso em: set. 2003.

O Rio Grande do Sul parece ter sido mais lento na resposta de sua produção aos estímulos que originaram os aumentos descritos anteriormente para o País. Em 2000, a produção gaúcha de grãos encontrava-se, em termos de volume, no

³ A totalização da Tabela 1 não atinge o total da produção prevista porque se refere apenas ao somatório da produção dos cinco principais grãos da lavoura brasileira (arroz, feijão, milho, soja e trigo).

mesmo patamar de 1990 — 14,7 milhões de toneladas. É bem verdade que, em 1992 e 1993, o Estado produziu mais de 16 milhões de toneladas de grãos e, em 1995, acompanhando o movimento da produção nacional, chegou a atingir 17,3 milhões de toneladas.

Tabela 2

Produção de grãos no Rio Grande do Sul — 1990-03

(1 000t)

PRODUTOS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Arroz (em casca)	3 194	3 809	4 570	4 965	4 231	5 038	4 348
Feijão (em grão)	141	99	188	156	168	193	97
Milho (em grão)	3 957	2 047	5 534	4 605	4 751	5 936	2 965
Soja (em grão)	6 313	2 221	5 649	6 067	5 443	5 848	4 224
Trigo (em grão)	1 169	683	903	917	807	335	963
TOTAL	14 775	8 859	16 844	16 712	15 400	17 349	12 597
PRODUTOS	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Arroz (em casca)	4 083	3 592	5 630	4 981	5 256	5 477	4 697
Feijão (em grão)	140	119	158	146	140	146	138
Milho (em grão)	4 098	4 363	3 213	3 936	6 134	3 901	5 428
Soja (em grão)	4 755	6 463	4 467	4 784	6 952	5 611	9 579
Trigo (em grão)	604	538	726	885	1 076	1 127	2 067
TOTAL	13 680	15 075	14 194	14 732	19 559	16 261	21 909

FONTE: IBGE. Banco de dados agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>
Acesso em: set. 2003.

Foi somente em 2001 que o Rio Grande do Sul voltou a acompanhar o desempenho nacional, apresentando um incremento importante na sua produção de grãos e atingindo 19,6 milhões de toneladas. A retração da produção de milho no Estado, em 2002, em virtude dos baixos preços de venda desse grão em 2001, decorrente da supersafra do produto, e a frustração da safra de soja por problemas climáticos fizeram com que a produção gaúcha ficasse quase 20% abaixo do obtido em 2001. Em 2003, houve uma recuperação da produção de milho no Estado e, acompanhando o movimento observado em vários estados produtores de soja, uma explosão dessa cultura também no Rio Grande do Sul, o que recolocou a produção de grãos gaúcha no patamar de 22 milhões de toneladas.

1.2 - Soja

1.2.1 - A safra

Em 2003, a grande vedete foi a soja, tanto em volume de produção como no que se refere às exportações: 51,5 milhões de toneladas sendo colhidos no País, o que representa 44% do total da produção dos cinco grãos analisados, e vendas de grandes volumes ao Exterior, tanto de soja em grão como de farelo e óleo, ou seja, exportações do chamado complexo soja.

Nos últimos anos, as exportações do complexo soja têm apresentado volumes crescentes, e a excelente performance no período de janeiro a setembro indica um novo recorde de suas vendas em 2003. Esse quadro decorre, em primeiro lugar, dos volumes obtidos na safra de soja colhida nesse ano; em segundo lugar, do contexto internacional de forte valorização das cotações internacionais dos produtos do complexo soja; e, finalmente, da desvalorização do real frente ao dólar, que se acentuou em 2002.

No final de 2002, após o plantio da lavoura de soja, as previsões eram bastante otimistas com relação a essa produção na safra 2002/2003. Era esperada uma colheita de 48,7 milhões de toneladas — 15% acima do obtido em 2002 — e que seria decorrente de um crescimento de 10% na área cultivada e de um aumento previsto de 5% no rendimento médio dessa cultura no País, derivado do melhoramento tecnológico das lavouras.

Essas previsões, que pareciam, na época, extremamente otimistas, não deram conta, no entanto, do que acabaria sendo o volume de produção de soja no Brasil, em 2003. Talvez as estimativas se encontrassem aquém do efetivamente possível por terem sido feitas num quadro de irregularidade climática: excesso de chuvas em algumas regiões e estiagem em outras. No Centro-Oeste e no Paraná, o plantio havia sofrido atraso, e, em algumas áreas, foi necessário o replantio das lavouras.

A partir de janeiro, no entanto, com a melhora do clima e baseado no excelente nível tecnológico utilizado pelos produtores, o otimismo aumentou, e as previsões passaram a estabelecer uma produção em torno de 50 milhões de toneladas, que seria 19% superior à produção do ano passado.

Mesmo com algumas perdas ocorridas na produção do Centro-Oeste, onde o excesso de chuvas prejudicou a colheita e a umidade foi responsável por perdas na lavoura decorrentes da ferrugem asiática, a produção brasileira, em 2003, confirmou-se em um patamar superior aos 50 milhões de toneladas — atingiu 51,5 milhões de toneladas, ou seja, 23% acima da produção de 2002.

Deve-se ressaltar aqui que, se ocorreram perdas em alguns estados, em outros, como foi o caso do Rio Grande do Sul, o volume produzido foi bastante superior às primeiras estimativas, sendo corrigido para cima a cada nova previsão. Os dados do IBGE dão conta de uma safra de 9,6 milhões de toneladas de soja no Rio Grande do Sul, 70% a mais do que o colhido em 2002 e 38% superior à de 2001, que havia sido a maior safra desse grão no Estado.

1.2.2 - O cenário internacional

Em setembro, as previsões para 2003 de embarques do complexo soja eram de 38,3 milhões de toneladas, o que representaria um aumento de 26% em relação aos embarques de 2002 (Safras & Mercado, 01 set. 2003). Essas estimativas, feitas com base no movimento ocorrido até julho, quando os volumes das vendas externas superavam, significativamente, as ocorridas em igual período de 2002, parecem ter sido otimistas demais. Como até setembro de 2003 foram embarcados 28,5 milhões de toneladas do complexo soja, dificilmente as previsões do início do segundo semestre se confirmarão. É claro, no entanto, um crescimento importante das exportações desse segmento.

O crescimento das vendas internacionais da soja brasileira está inserido num contexto sustentado por um forte movimento da demanda, decorrente de compras especialmente da Ásia e da União Européia. Era previsto, para 2003, um crescimento da demanda por parte dos países asiáticos tanto de soja em grão como de farelo e de óleo. O FMI previa que, enquanto o PIB mundial cresceria 3,2% em 2003, o da Ásia (exceto Japão) deveria crescer 6,3% (Safras & Mercado, 14 abr. 2003). Na Ásia, o crescimento da demanda tem sido sustentado pelas compras chinesas de soja em grão, e as previsões dão conta de um aumento de 60% nas importações chinesas em relação ao ano passado. O Oriente Médio tem consumido grão e óleo de soja, e a União Européia continua absorvendo farelo. Na Europa, as importações de farelo de soja continuam ligadas à menor utilização de farelos de origem animal, consequência dos temores com relação à encefalopatia espongiforme bovina, conhecida como a “doença da vaca louca”.

Os volumes de soja brasileira exportados de janeiro a setembro de 2003 são de 16,9 milhões de toneladas de soja em grão, volume 28% superior ao vendido em igual período de 2002; 10,0 milhões de toneladas de farelo, 12% a mais do que em 2002; e 1,5 milhão de toneladas de óleo, quantidade 26% maior do que a exportada de janeiro a setembro de 2002.

Tabela 3

Taxas de crescimento das exportações brasileiras do complexo soja — jan.-set./02 e jan.-set./03

EXPORTAÇÕES	JAN-SET/02		JAN-SET/03		TAXAS DE CRESCIMENTO 2003/2002 (%)	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1 000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1 000)	Quantidade	Valor
Soja em grão	13 256 470	2 458 232	16 915 402	3 588 749	27,60	45,99
Óleo de soja	1 220 075	460 400	1 533 080	731 062	25,65	58,79
Farelo de soja ...	8 938 466	1 546 604	10 033 913	1 844 758	12,26	19,28
Complexo soja ..	23 415 011	4 465 236	28 482 395	6 164 568	21,64	38,06

FONTE: Conab.

Entre janeiro e setembro de 2003, o quadro internacional foi de forte valorização das cotações, decorrente da retração dos estoques existentes nos Estados Unidos e da redução da produção norte-americana em 2002/03. Os estoques norte-americanos são os menores desde 1996/97 e o terceiro menor desde 1972/73.

A retração dos estoques norte-americanos foi de tal ordem, e estes balizam de tal forma os preços internacionais, que, mesmo com a safra brasileira tendo alcançado 51,5 milhões de toneladas, a da Argentina também apresentando crescimento significativo, atingindo 35 milhões de toneladas, e os demais países produtores de soja na América do Sul, como o Paraguai e a Bolívia, completando uma produção no continente de 92 milhões de toneladas, os preços internacionais sinalizaram, quase ininterruptamente, uma tendência de alta durante o período jan.-set./03.

A influência dos baixos estoques norte-americanos sobre os preços deu-se, especialmente, sobre as vendas brasileiras de soja em grão e de óleo de soja: no período de janeiro a setembro, as exportações de soja em grão deram-se a um preço 46% superior à média do mesmo período de 2002, enquanto os preços do óleo de soja apresentaram 59% de aumento; nesse caso, também como reflexo do aperto nos estoques mundiais de óleos vegetais.

Essa alta dos preços em dólar dos produtos do complexo soja compensou as perdas decorrentes da atual valorização da moeda brasileira relativamente ao final de 2002, quando foram tomadas as decisões de plantio baseadas nas estimativas a respeito das tendências dos preços internacionais para 2003 e em uma taxa de câmbio que refletia uma grande desvalorização da moeda brasileira.

1.3 - A produção dos outros grãos

Como foi dito inicialmente, o grande salto na produção agrícola no País deu-se a partir de 2001, havendo um acréscimo substancial no volume produzido de milho e de soja nessa safra. No entanto, a partir daí, ou seja, entre 2002 e 2003, o crescimento da produção foi derivado, em larga medida, de aumentos na produção de soja. A produção dos cinco grãos considerados aumentou em 22 milhões de toneladas entre 2001 e 2003, enquanto a de soja sozinha cresceu 14 milhões de toneladas, dos quais 9,6 milhões só entre 2002 e 2003. Com relação aos demais grãos, a evolução que ocorreu entre 2001 e 2003 foi a seguinte: estabilidade na produção de arroz em torno de 10,2 milhões de toneladas em 2001 e 2003; crescimento de 860 mil toneladas na produção de feijão — que atingiu 3.326 mil toneladas em 2003; o volume produzido de milho passou de 42 milhões de toneladas em 2001 para 47,5 milhões em 2003; e o de trigo foi estimado em 5,3 milhões de toneladas, contra 3,4 milhões colhidos em 2001.

A partir da evolução descrita, pode-se concluir que, mesmo que em menor proporção do que a soja, a maior parte dos grãos considerados apresentou crescimento nas últimas safras. A única exceção seria o arroz, que apresentou uma redução da produção entre 2002 e 2003.

Essa redução da produção de arroz em 2003, se comparada à de 2002, deveu-se a uma importante quebra na produção gaúcha. A quebra de safra no Rio Grande do Sul apresenta reflexos no total produzido pelo País, já que metade da produção nacional se origina em solo gaúcho. A redução no volume produzido de arroz no Rio Grande do Sul decorreu de problemas climáticos; houve um excesso de chuvas praticamente durante todo o período de cultivo desse grão. Esse excesso, além de atrasar o plantio, comprometeu o desenvolvimento das lavouras. O resultado foi uma produtividade bem abaixo da média histórica no Estado.

Por sua vez, a produção de feijão no Brasil apresentou um crescimento de 8% em 2003, decorrente, na sua maior parte, de um aumento na produtividade. No Rio Grande do Sul, essa produção apresentou queda de quase 6%, se comparada à de 2001, em decorrência de reduções na área e na produtividade.

O comportamento da produção brasileira de milho *versus* as estimativas iniciais do volume dessa produção pareceu imitar, mesmo que em menor grau, a performance da soja em 2003. Ou seja, a cada nova estimativa, havia um aumento na produção prevista. As previsões iniciais estimavam uma colheita de 38 milhões de toneladas de milho em 2003, e o que acabou se configurando foi uma colheita de 47,5 milhões de toneladas. Entretanto, além das diferenças em termos de volume em relação à soja, as modificações em relação às primeiras estimativas

apresentadas para o milho foram, em grande parte, decorrentes de políticas estabelecidas pelo Governo Federal com o objetivo de estimular o plantio da chamada “safrinha” de milho de 2003.

Buscando evitar o problema de desabastecimento ocorrido em 2002, o Governo resolveu intervir, definindo incentivos ao plantio e estratégias de comercialização para a segunda safra de milho de 2003. No ano passado, a safra de 35,5 milhões de toneladas não atendeu à demanda, gerando problemas de toda ordem no suprimento dos segmentos produtores de carne de aves e de suínos, como, por exemplo, a necessidade de venda de suínos para abate abaixo do peso recomendado. Se, de um lado, o modelo de comercialização adotado pós 1995 deixava para a iniciativa privada a tarefa de carregar estoques e de importar, buscando reduzir os custos governamentais, de outro, baseava-se na possibilidade de que a demanda poderia ser suprida a custos baixos via importações, tendo em vista a paridade cambial estabelecida pós-Plano Real, que sobrevalorizou a moeda brasileira, reduzindo bastante esses custos. Com a desvalorização da moeda em 1999, houve um encarecimento dessas importações, mas, aparentemente, o Governo acreditou que o crescimento da produção fosse suficiente para garantir o abastecimento sem grandes problemas. No entanto, a redução da área plantada com milho na safra 2001/2002, aliada a problemas climáticos em algumas regiões, que ocasionaram a drástica redução dessa produção relativamente à safra anterior, recolocou, com toda a força, a questão dos estoques estratégicos governamentais.

A safra prevista inicialmente para 2003, as necessidades de consumo dos produtores de aves e de suínos e os estoques zerados do Governo restabeleciam o quadro problemático em termos de abastecimento ocorrido no ano anterior e orientavam para um cenário dependente de importações.

As mudanças na política agrícola para o milho divulgadas em fevereiro de 2003, como já foi dito, buscaram incentivar o plantio da safrinha e estabeleceram mecanismos de sustentação de preços na comercialização. Com relação ao plantio, as medidas foram a elevação dos limites de financiamento do milho de R\$ 250.000,00 para R\$ 400.000,00 por produtor em áreas de sequeiro e de R\$ 300.000,00 para R\$ 480.000,00 para áreas irrigadas (Safras & Mercado, 24 fev. 2003).

Para a comercialização, ocorreram mudanças nas linhas de crédito para estocagem.

“As linhas de EGFs antigas tinham como balizamento os preços mínimos, atualmente em R\$ 9,50 para as Regiões Sul e Sudeste e em R\$ 8,50 para a Centro-Oeste. A nova linha de crédito com a mesma taxa de juros definida como LEC - Linha Especial de Crédito à

Comercialização oferece novas regras e que privilegiam os níveis de mercado. Com isso, terão condições de financiar a estocagem com preços de referência de R\$ 16,00 a R\$ 18,00 no milho.” (Safras & Mercado, 24 fev. 2003).

Além disso, o Governo lançaria, em março, contratos de opção com vencimento em julho, agosto e setembro, com preços baseados nos de exportação.

Obviamente, linhas de crédito para custeio do plantio das lavouras são e sempre serão um instrumento importante de estímulo à produção, mas a grande mudança seria a incorporação do balizamento dos preços pelo mercado internacional na política agrícola estabelecida pelo Governo. Na prática, esse balizamento passou a ocorrer a cada safra, com mais intensidade a partir da abertura da economia brasileira em 1990. Os chamados produtos de mercado externo, como a soja, já dependiam dos preços internacionais desde longa data. Mas os consumidos basicamente no mercado interno, como o arroz e o milho, mantinham-se atrelados mais aos preços mínimos estabelecidos pelo Governo do que aos praticados no mercado internacional.

Como o crescimento da produção brasileira de soja tem decorrido de preços internacionais considerados remuneradores pelos produtores, pode-se esperar que, havendo um cenário favorável em termos de preços externos para os demais produtos, estes também passem a apresentar boas perspectivas de desempenho.

No caso do trigo, parece ser exatamente o comportamento dos preços internacionais que estimulou o seu plantio, sendo diretamente responsável pela previsão de uma safra em 2003 bastante superior à dos últimos anos. As informações do IBGE prevêem uma produção de 5,3 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de 58% em relação a de 2001, que foi a maior safra desde 1987, quando foram colhidos no País mais de 6 milhões de toneladas. A abertura comercial em 1990 e a retirada dos subsídios à comercialização do trigo nacional foram responsáveis por uma redução significativa na produção brasileira de trigo — em 1990, caiu para pouco mais de 3 milhões de toneladas. A partir daí, ocorreram reduções sistemáticas na quantidade produzida, que chegaram a apenas 1,5 milhão de toneladas em 1995. Nos anos seguintes, houve uma certa recuperação da cultura, mas o total produzido ficou em torno de 3 milhões de toneladas. Assim, o crescimento esperado para 2003 pode ser indício de uma reorientação do plantio de trigo para patamares crescentes. O maior volume a ser produzido em 2003 seria decorrente de aumento na área cultivada no Paraná e no Rio Grande do Sul, os estados responsáveis por mais de 90% do trigo produzido no Brasil. O aumento da área de cultivo do trigo no Rio Grande do Sul teria sido de mais de 30%, levando a produção gaúcha para um patamar de mais de 2 milhões de toneladas, praticamente o dobro da obtida em 2001.

2 - O Plano Safra

Havia muita expectativa com relação à divulgação do Plano Safra 2003/2004, uma vez que este era o primeiro plano agrícola do Governo Lula. As reações dos agentes econômicos do setor foram bastante positivas, especialmente em função dos seguintes pontos:

- a antecipação da divulgação do Plano-Safra para a primeira metade do mês de junho melhorou as condições de planejamento das lavouras por parte dos produtores;
- manutenção das taxas de juros nos patamares dos anos anteriores — 8,75% para os grandes produtores e 5,75% para os pequenos. O patamar em que seriam fixadas as taxas de juros dos financiamentos ao setor agrícola era motivo de preocupação por parte dos produtores, pois o Governo havia acenado com possibilidade de elevação dessas taxas. Assim, a manutenção dessas taxas nos níveis praticados nos últimos anos foi considerada bastante satisfatória pelo setor. Não deve ser esquecido que essa estabilidade das taxas de juros para o setor agrícola foi mantida num contexto de taxas de juros extremamente elevadas para o restante da economia;
- o aumento expressivo dos recursos a serem aplicados em crédito rural — 26% acima do previsto para a safra anterior — foi um fato positivo, de um lado, pelo aumento em si do volume dos recursos e, de outro, por se dar num quadro de cortes de gastos públicos;
- o aumento dos limites de financiamento das lavouras. Esse aumento foi encarado pelos representantes do setor como um fato bastante positivo;
- aumentos generalizados dos preços mínimos, com o incremento significativo dos produtos da cesta básica como milho, arroz e feijão.

Este último item do Plano obedece a diretrizes que fazem parte da implementação do Programa Fome Zero. A expansão da oferta de alimentos básicos criaria maior facilidade para o cumprimento das metas do Programa.

Outros objetivos do Plano seriam a modernização do setor, a obtenção de novos recordes de produção agrícola, visando ao crescimento dos saldos na balança comercial, e a recomposição dos estoques públicos.

O que se pode considerar como novo no Plano-Safra 2003/2004 é uma maior preocupação com a produção de alimentos da cesta básica a partir da vinculação do Plano com o Programa Fome Zero.

Além dessa novidade, tem-se a recuperação da política de formação de estoques públicos, que havia sido substituída, desde o início do primeiro Governo Fernando Henrique Cardoso, por outros mecanismos na área da comercialização

agrícola. A criação de novos mecanismos para balizar a comercialização agrícola sem depender dos estoques reguladores do Governo tinha como objetivo principal o controle do gasto público. Nos primeiros anos após a implementação do Plano Real, a valorização da moeda permitiu o controle dos preços internos através da disponibilização da oferta necessária, via importações. Em um período posterior, com a desvalorização do Real, que encareceu as importações e anulou a estratégia inicial, os mecanismos internos de comercialização passaram a ser fundamentais e, aos já existentes, foram sendo agregados novos. Assim, uma característica marcante do Governo FHC foi uma política de não-intervenção governamental via formação de estoques reguladores. Agora, o Governo Lula parece pretender voltar à política de formação de estoques reguladores como estratégia para evitar crises agudas de desabastecimento.

3 - As previsões para a safra de grãos 2003/2004⁴

Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)⁵ para a safra de grãos de verão de 2003/2004, a área cultivada de arroz deverá crescer no País, e, como já era de se esperar, a de soja também deverá se expandir. Por sua vez, as culturas de feijão e de milho deverão apresentar redução da área plantada.

Com relação à produção dos quatro grãos mencionados, de acordo com a mesma fonte, o volume produzido de arroz é o que deverá apresentar maior taxa de crescimento, seguido de perto pela taxa de aumento da produção de soja. O crescimento da produção de arroz é bastante previsível e muito provável, uma vez que, na safra colhida em 2003, houve uma quebra importante no volume produzido desse grão. Os problemas climáticos ocorridos no Rio Grande do Sul

⁴ Esta seção foi elaborada com informações disponíveis até 24.11.03. Como o IBGE não havia disponibilizado até essa data os dados referentes às estimativas de produção para a safra 2003/2004 para todos os estados, foram utilizadas as informações elaboradas pela Conab. Deve-se informar que os dados da Conab sobre a produção de 2002-03 apresentam diferenças com relação aos do IBGE. Assim, nesta parte do texto, foram analisados e comparados dados de previsão de crescimento ou redução de área plantada e de produção e elaboradas tabelas apenas com base em dados e estimativas da Conab.

⁵ Serão avaliadas as previsões para a safra de grãos de verão de 2003/2004, elaboradas pela Conab com base em informações coletadas junto aos produtores, no início de outubro de 2003, sobre as intenções de plantio.

reduziram bastante a produtividade da lavoura gaúcha, estado responsável por metade da produção nacional de arroz. No Rio Grande do Sul, o excesso de chuvas nos meses de janeiro e fevereiro, como o ocorrido em 2003, não é usual e, portanto, dificilmente se repetirá em 2004.

Tabela 4

Estimativa de área plantada com arroz, feijão, milho e soja
no Brasil — safras 2002/2003 e 2003/2004

PRODUTOS	SAFRAS (1 000ha)			VARIAÇÃO			
	2002/2003 (A)	2003/2004		Percentual		Absoluta	
		Limite inferior (B)	Limite superior (C)	B/A	C/A	B - A	C - A
Arroz	3 183,3	3 311,7	3 387,1	4,0	6,4	128,4	203,8
Feijão	4 367,7	4 318,9	4 341,3	-1,1	-0,6	-48,8	-26,4
Milho	13 247,2	12 712,4	12 947,0	-4,0	-2,3	-534,8	-300,2
Soja	18 479,8	20 053,9	20 734,5	8,5	12,2	1 574,1	2 254,7

FONTE: Conab.

Tabela 5

Estimativa das produções de arroz, feijão, milho e soja
no Brasil — safras 2002/2003 e 2003/2004

PRODUTOS	SAFRAS (1 000t)			VARIAÇÃO			
	2002/2003 (A)	2003/2004		Percentual		Absoluta	
		Limite inferior (B)	Limite superior (C)	B/A	C/A	B - A	C - A
Arroz	10 359,5	11 402,6	11 726,8	10,1	13,2	1 043,1	1 367,3
Feijão	3 204,9	3 337,6	3 365,6	4,1	5,0	132,7	160,7
Milho	47 569,1	43 794,1	44 765,6	-7,9	-5,9	-3 775,0	-2 803,5
Soja	52 032,7	56 101,0	58 021,9	7,8	11,5	4 068,3	5 989,2

FONTE: Conab.

A quebra da produção de arroz da safra 2002/2003 poderia comprometer o abastecimento do País, já que as estimativas, para o ano em curso, da relação entre oferta e demanda se encontravam extremamente ajustadas, pendendo para uma falta de produto no mercado. Esse cenário imediatamente se refletiu em bons preços na comercialização do produto, e, já no período de safra, estes se apresentaram em patamares bastante superiores se comparados com anos anteriores. A possibilidade de haver problemas de abastecimento do produto levou o Governo a reduzir as alíquotas da Tarifa Externa Comum (TEC) — de 11,5% para o arroz em casca e de 13,5% para o beneficiado para 4% para as compras internalizadas no período de 1º de outubro a 31 de dezembro de 2003. Mas, mesmo com a entrada de arroz importado, os preços de mercado continuaram bastante elevados se comparados com os praticados na comercialização de safras anteriores.

A produção de feijão deve ter um significativo crescimento com relação à de 2003, apesar da redução prevista na área plantada. Nesse quadro de crescimento da produção dos grãos, a cultura de milho seria a única a apresentar um volume produzido menor do que o obtido em 2003.

No início de 2003, a perspectiva com relação ao abastecimento de milho era de que se poderia repetir o quadro de falta de oferta ocorrido em 2002, que, nesse ano, criou problemas de toda sorte para os produtores de aves e de suínos. A configuração, em 2003, de uma produção inferior à demanda levou o Governo a intervir, buscando estimular essa produção através do aumento dos limites de financiamento das lavouras e de sustentação de preços.⁶ A resposta dos produtores aos incentivos governamentais foi rápida e refletiu-se em um aumento de 33% na área plantada da chamada “safrinha” e, graças a situações climáticas favoráveis, resultou em um aumento de 105% na produção.

Parte da resposta dos produtores derivou-se, também, dos bons preços praticados no primeiro semestre com a comercialização do milho da primeira safra. No entanto, os quase 13 milhões de toneladas colhidos na “safrinha”, que colocaram a produção de 2003 no patamar de 47,5 milhões de toneladas de milho, reverteram a tendência de alta dos preços, criando uma situação de desestímulo ao produtor com evidentes reflexos nas decisões de plantio da safra 2003/2004. Com o objetivo de reverter esse quadro, o Governo sinalizou, em meados de julho, com a possibilidade de efetivação de contratos de opção para 2 a 3 milhões de toneladas de milho e chegou a anunciar uma compra direta dos produtores de 400 mil toneladas. Entretanto, na última semana de julho, avisou

⁶ Ver, a respeito, a seção 1.3.

que não tinha recursos disponíveis para a compra prometida. No início de agosto, recuou parcialmente e anunciou recursos, efetivando a compra de 219 mil toneladas (Safras & Mercado, 04 ago. 2003).

A partir de meados de agosto, começou a ser constatada a quebra da produção mundial de milho: as projeções revisaram para baixo a produção da safra norte-americana; houve uma queda nos estoques finais da China; ocorreram perdas na safra da Europa e do Leste Europeu. Esse quadro, aliado a uma tendência natural da expansão da demanda mundial derivada das expectativas de crescimento econômico em 2004, começou a exercer uma pressão sobre os preços no mercado internacional. Os produtores brasileiros de milho aproveitaram esse cenário favorável e passaram a escoar parte da produção excedente de milho para o mercado internacional.

Mesmo esse movimento, que gerou uma recuperação dos preços internos, não foi suficiente para reverter o pessimismo gerado com o excesso de produção em 2003, ocasionado com o volume colhido na “safrinha”. Aliado a isso, existem estoques de passagem elevados, em torno de 7,5 milhões de toneladas (Safras & Mercado, 21 jul. 2003). Mais ainda, os altos custos de produção atuais não induzem ao plantio e/ou levarão a uma menor utilização de tecnologia. A relação de troca entre a soja e o milho é outro fator que levará o produtor, se tiver possibilidade, a abandonar o plantio de milho e a optar pelo de soja.

No conjunto de grãos analisados, a maior taxa de crescimento em 2004 seria prevista para a produção de arroz, mas é a de soja a que mais cresce em termos de volume. Enquanto o aumento da quantidade produzida de arroz em 2004 seria, de acordo com as estimativas da Conab, de 1 a 1,4 milhão de toneladas superior ao colhido em 2003, a produção de soja pode crescer de 4,1 a 6 milhões de toneladas. O resultado seria uma safra de 56 a 58 milhões de toneladas. Mesmo com estimativas que estabelecem um crescimento dessa ordem, poderá voltar a acontecer, em 2004, uma situação semelhante à ocorrida em 2003 e descrita na Seção 1.2, com relação às previsões sobre o volume a ser produzido de soja, quando as diferentes estimativas, por mais otimistas que fossem, eram superadas a cada novo cálculo.

Para o Rio Grande do Sul, as previsões indicam uma variação de menos 2,2% a mais 0,6% na produção, e um aumento na área plantada de 7% a 10%. A possibilidade de haver recuo na produção de soja gaúcha, apesar do crescimento da área cultivada, deve-se à avaliação de que o ano-safra 2002/2003 foi excepcionalmente benéfico para a produção de soja no Estado, e, dessa forma, foram atingidos patamares de produtividade que talvez não se repitam em 2004. É consenso que, nos anos de ocorrência do fenômeno El Niño, como foi o de 2003, as condições climáticas são favoráveis para a produção de soja gaúcha.

Entretanto, mesmo que as condições climáticas não sejam tão favoráveis no Estado como as de 2003, a produção gaúcha deverá manter um bom volume de produção graças à edição da Medida Provisória nº 131, de 25.09.03, que liberou o plantio de soja transgênica no Rio Grande do Sul. Apesar da grande polêmica gerada pela liberação, o Estado garantiu, pelo menos por mais um ano, o que pode ser considerado uma condição quase imprescindível para o desenvolvimento da produção de soja no Estado. O plantio de soja transgênica tem trazido vantagens econômicas irrefutáveis aos produtores do Rio Grande do Sul e talvez seja a única forma de o Estado manter os atuais níveis dessa produção — o menor custo de produção da soja transgênica resultante da maior eficiência do herbicida usado e a economia gerada pelo menor número de aplicações do herbicida têm sido fundamentais para manter a rentabilidade da lavoura no Estado.

4 - Conclusões

A evolução da produção de grãos nos últimos anos e, especialmente, o grande volume de soja produzido na safra 2002/2003 levam à conclusão de que os preços são o principal determinante das decisões de plantio por parte dos produtores agrícolas. A tendência de aumento dos preços internacionais dos produtos do complexo soja, aliada a uma taxa de câmbio que refletia uma desvalorização da moeda brasileira no final de 2002, determinou as decisões de plantio dos produtores brasileiros, e as condições climáticas favoráveis levaram à excelente safra de 2003.

Com relação aos demais grãos, pode ser observado que o crescente balizamento dos preços internos de venda, em maior ou menor medida, pelos praticados no mercado internacional tem também estimulado sua produção.

No que diz respeito ao Plano Safra 2003/2004 as reações foram, de modo geral, bastante positivas. O otimismo dos produtores agrícolas logo após a divulgação do Plano pode ser medido pelo volume de milho produzido na chamada “safrinha”, que já apresentou resultados significativos.

Como é usual, a intenção de plantio da safra de grãos de verão 2003/2004 está sendo orientada pelo comportamento dos preços na comercialização desses grãos durante o ano 2003. Nesse quadro, ter-se-á aumento da área plantada de arroz e de soja, produtos que apresentaram preços considerados excelentes pelos produtores durante o ano 2003. A comercialização de arroz deu-se, já no período de entrada no mercado da safra nova, a preços relativamente elevados se comparados aos praticados em anos anteriores. Essa elevação foi

consequência da quebra da produção no Rio Grande do Sul. Os bons preços alcançados na comercialização da soja são reflexos da quebra na safra norte-americana e, mesmo com a valorização da moeda brasileira, que poderia comprometer a rentabilidade das vendas pelo produtor, estão sendo considerados satisfatórios, garantindo boa rentabilidade para essa produção. As áreas cultivadas de feijão e de milho deverão apresentar redução. É esperado um aumento de produtividade na lavoura de feijão que mais do que compensaria a redução de área, levando a um acréscimo da produção. A área plantada com milho deverá sofrer a influência da redução dos preços desse cereal na comercialização da chamada “safrinha”, no segundo semestre de 2003.

Referências

FAVERET FILHO, P. Evolução do crédito rural e tributação sobre alimentos na década de 90: implicações sobre as cadeias de aves, suínos e leite. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 16, set. 2002.

FÜRSTENAU, V. Novo recorde na produção agrícola brasileira. **Carta de Conjuntura**, Porto Alegre, v. 11, n. 4, abr. de 2002.

GASQUES, J. G.; SPOLADOR, H. F. S. **Taxa de juros e políticas de apoio interno à agricultura**. Brasília: IPEA, 2003. (Texto para discussão, n. 952).

Safras & Mercado: milho. Porto Alegre: Safras, v. 27, n. 369, 24 fev. 2003.

Safras & Mercado: soja & grãos. Porto Alegre: Safras, v. 27, n. 1243, 14 abr. 2003.

Safras & Mercado: soja & grãos. Porto Alegre: Safras, v. 27, n. 1263, 01 set. 2003.

Safras & Mercado: milho. Porto Alegre: Safras, v. 27, n. 390, 21 jul. 2003.

Safras & Mercado: milho. Porto Alegre: Safras, v. 27, n. 392, 04 ago. 2003.